

TRÊS DOCUMENTOS MEDIEVAIS TRECENTISTAS EM CONFRONTO: INDÍCIOS PALEOGRÁFICOS E LINGÜÍSTICOS RECORRENTES E DIVERGENTES NOS MANUSCRITOS SERAFIM DA SILVA NETO

Américo Venâncio Lopes Machado Filho

RESUMO: Confronto entre os três mais antigos documentos medievais escritos em língua portuguesa existentes no Brasil, trazidos para o país por Serafim da Silva Neto há mais de meio século, com que se procuram demonstrar recorrências e divergências, quer paleográficas, quer lingüísticas, que possam sinalizar ou confirmar situações de variação ou mudança na língua portuguesa do século XIV, assim como hábitos de escrita dessa época.

Palavras-chave: Lingüística Histórica, Português Arcaico, Manuscritos Medievais em Língua Portuguesa.

Serafim da Silva Neto (1977, p. 17), na *Explicação* introdutória de seu *Manual de filologia portuguesa*, cuja primeira edição data de 1952, diz, numa evidente inspiração religiosa, explicitamente bíblica, que, nas “atividades filológicas, há Marta e há Maria”

Via a Filologia – em suas próprias palavras – como “todos os estudos possíveis acerca de uma língua ou grupo de línguas”, que, na qualidade de *Marta*, reuniria o que chamava de “modernos estudos dialectológicos” e, na personificação de *Maria*, “a meditação sossegada dos trabalhos de gabinete” sobre um “antigo texto da língua” (SILVA NETO, 1977, p. 17).

* Universidade Federal da Bahia / Grupo PROHPOR.

Talvez houvesse hoje outros batismos igualmente possíveis para a Filologia, mas seu campo de atuação no Brasil, desde a ascensão da Lingüística, principalmente a partir da década de 1960, é bastante menos amplo do que o julgava ser Serafim da Silva Neto até então, conquanto muito mais coeso e não menos relevante.

O trabalho científico de edição de textos, antigos ou contemporâneos, tornou-se uma necessidade premente, como suporte inalienável para boa parte dos estudos lingüísticos de base empírica, nomeadamente para os que se fundamentam exclusivamente na modalidade escrita da língua, substituindo pela tinta e papel ou pergaminho a voz diáfana e extemporânea de seus supostos informantes.

E tem cabido à Lingüística Histórica, especialmente em seu sentido de atuação mais estrito, o papel de interlocutor principal da relação entre essas duas ciências complementares no tocante aos estudos sobre a língua: a Lingüística e a Filologia.

Boas edições de textos têm, há muito, servido de fonte precisa de informação e fonte de análise para o trabalho filigranado que é o da constituição ou reconstrução da história da língua portuguesa.

De seu passado mais remoto, ou seja, de textos do período arcaico do português, podem-se citar as edições das *Cantigas d'escarnho e de mal dizer*, de Rodrigues Lapa (1965); das *Cantigas de Santa Maria*, de Walter Mettmann (1972); ou do *Testamento de Afonso II (1214)*, de Padre Avelino de Jesus da Costa (1979).

Dos mais antigos documentos medievais em língua portuguesa que se encontram fora de Portugal, existe no Brasil um conjunto de manuscritos, datado do século XIV, que foi trazido para o país pela oportuna mão de Serafim da Silva Neto, há mais de 50 anos, e que se encontra depositado na Biblioteca Central da Universidade de Brasília.

Esse conjunto de fólhos soltos, provavelmente integrantes de um único códice fragmentário, é conhecido como manuscritos

Serafim da Silva Neto, em sua homenagem, e constitui-se de três textos: *O Livro das Aves*, *Os Diálogos de São Gregório* e um *Flos Sanctorum*.

Como se sabe, dos dois primeiros foram apresentadas, por Nelson Rossi et al. (1965) e Rosa Virgínia Mattos e Silva (1971), suas respectivas edições, tendo ficado, até recentemente, o *Flos Sanctorum* à espera de um autor, mas cujo trabalho de leitura integral fará parte de tese de doutoramento a ser em pouco tempo defendida na Universidade Federal da Bahia.

Observe-se, entretanto, que o próprio Silva Neto (1977[1952], p. 218) chegou a anunciar estar em andamento seu trabalho de edição sobre esse manuscrito, que na altura era identificado como *Vidas dos Padres Santos*. Mas de seu resultado não se tem notícia.

Pretende-se aqui apresentar, com base nas leituras dos três documentos, mas com o suporte dos respectivos fac-símiles – de que se dispõe –, recorrências e divergências de natureza paleográfica e lingüística, com vistas a procurar revelar, mesmo modestamente, hábitos codicológicos de sua época de produção, assim como flutuações de ordem lingüística, que possam sinalizar ou confirmar situações de variação ou mudança na língua portuguesa de trezentos.

O CONFRONTO PALEOGRÁFICO DOS DOCUMENTOS

Segundo o próprio Serafim da Silva Neto (1956, p. 105), quando foram trazidos para o Brasil, os três documentos integravam um conjunto de “pouco mais de duzentas folhas sôltas de pergaminho”

Se se considerar essa informação, parece que parte desse valioso material se tenha perdido já no Brasil, posto que dos *Diálogos de São Gregório* restam 79 fólios, do *Livro das Aves*, 8 e meio, e do *Flos Sanctorum*, 81, o que perfaz um total de 168 fólios e meio, apenas, e que justifica o estado fragmentário da narrativa de todos os textos.

Um comentário de José Joaquim Nunes sobre esses manuscritos, publicado na *Revista Lusitana*, em 1925, serve, todavia, para reconduzir a questão.

O autor, que teve acesso aos *Diálogos de São Gregório* e ao *Flos Sanctorum*, concomitantemente, no período em que estiveram na Biblioteca Nacional de Lisboa, por empréstimo do proprietário anterior a Serafim da Silva Neto, o Sr. Jorge de Farias, relatou na altura restarem “ainda 161” folhas “de bom pergaminho”, dado que, feitas as contas, condiz plenamente com o espólio existente hoje dos dois manuscritos no Brasil.

Como terá chegado Silva Neto ao número de “pouco mais de duzentas folhas” é uma nova investigação a se empreender.

Se composto apenas pelos textos mencionados, o códice deveria obedecer à seguinte ordem: o *Livro das Aves*, o *Flos Sanctorum* e por fim os *Diálogos de São Gregório*. Essa ordenação de certa forma explica o estado bastante avançado de decomposição do primeiro e os fólhos faltantes do final do texto dos *Diálogos de São Gregório*, já que estariam mais expostos às intempéries, conquanto reste “aos vaivens da sorte” – para se utilizar a expressão de José Joaquim Nunes (1925, p. 231) –, senão mais provavelmente à incúria dos homens, o desaparecimento de alguns fólhos iniciais, intermediários e finais do *Flos Sanctorum*.

Note-se que a idéia de terem provavelmente pertencido a um mesmo códice se baseia em alguns índices paleográficos, dentre eles a existência de uma costura desfeita pelo tempo, claramente verificável em seu suporte e a dimensão muito regular do pergaminho utilizado: (320mm X 220mm), indicada para o *Livro das Aves* e para os *Diálogos de São Gregório*, por seus editores, e (330mm X 220mm) para o *Flos Sanctorum*, dimensões apontadas por Silva Neto (1956, p. 105), Askins (1995, p. 40) e confirmada por Machado Filho (2000, p. 32), que embora não sejam perfeitamente idênticas aos outros dois textos, podem ter sua diferença atribuída às condições de medição a que foram submetidos.

A exemplo disso, convém salientar que Nunes (1925, p. 231), anteriormente citado, propõe uma mesma medida para os *Diálogos de São Gregório* e para o *Flos Sanctorum*, que, entretanto, não coaduna com nenhuma das medições anteriores: “0,^m 033 X 0,^m 025”

Escritos em letra gótica francesa ou, como identificou Pedro de Azevedo (apud Rossi et al., 1965, p. 4), em “minúscula do século XIV”, os três manuscritos apresentam a mesma disposição da mancha de texto, em reto e verso, que se distribui em duas colunas de 36 linhas cada, no geral.

Dos três, apenas o *Flos Sanctorum* não dispõe de iluminuras, que, por sua vez, são fartas no *Livro das Aves*, num total de 11, quase todas representando os animais de que fala o texto, e apenas uma nos *Diálogos de São Gregório*, apresentando, dentro da letrina C, no fólio inicial da narrativa, o desenho de uma figura humana masculina, vestida com traje de ordem religiosa, em “vermelho, azul, verde, castanho e preto” (MATTOS E SILVA, 1971, v. I, p. 25), que se pode pressupor como icástico à imagem do próprio papa Gregório Magno.

Não obstante, os manuscritos trazem letrinas geralmente em azul e vermelho, decoradas com filigranas e antenas; as rubricas, isto é, os títulos, em todos os documentos, e os turnos de fala, no caso dos *Diálogos de São Gregório*, são apresentados em vermelho, cor que também serve para indicar as rasuras ou correções nesse texto, assim como no *Flos Sanctorum*.

QUE INDICA A PONTUAÇÃO

A pontuação em manuscritos medievais foi detidamente observada por Machado Filho (2000) em trabalho que, entre outros documentos, confrontou os manuscritos Serafim da Silva Neto.

Sem se procurar aqui empreender detalhamento sobre todos os aspectos pontuais analisados, diante da natureza do presente trabalho, podem-se apontar algumas similitudes e dessemelhanças entre os três manuscritos.

A primeira delas é a ocorrência exclusiva nos três documentos da *vírgula suspensiva*, sinal que não se encontra em nenhum outro texto observado.¹

Representado por uma barra diagonal à direita [/], esse sinal de pontuação era, para Parkes (1993, p. 307), “usado para marcar a pausa mais breve ou hesitação num texto”²

A sua presença nos três manuscritos torna-se relevante quando se observa que esse sinal, segundo demonstrou Machado Filho (2000), consoante, naturalmente, ao que pôde revelar o recorte empreendido no *corpus*, desaparece, ao menos no uso da escrita em língua portuguesa, a partir do século XV, sendo substituída sua função, provavelmente, pelo ponto seguido de letra minúscula.

Essa recorrência nos três documentos, assim como todo o repertório comum de sinais, que inclui, ainda, o *ponto simples*, seguido de maiúscula ou minúscula, o *punctus elevatus* [!] em seu formato canônico de uma barra inclinada à direita sobre um ponto, ou o *caldeirão medieval* [¶], permite reforçar a gênese comum e a datação que se tem atribuído a esses manuscritos. Ademais, são os três, também, regulares na ausência de sinais que aparecem em documentos posteriores à data proposta para sua produção, como, por exemplo, a não-ocorrência de quaisquer uma das variantes gráficas do *punctus elevatus* ou de *sinais de fim de texto*, que em Machado Filho (2000) só foram identificados a partir do século XV, por exemplo.

Por fim, embora na análise de Machado Filho (2000, p. 81), em função do recorte do *corpus*, só se tenha detectado o formato da *positura*³ correspondente a dois pontos seguidos de um til nos

¹ Senão em duas ocorrências dúbias na versão quatrocentista dos *Diálogos de São Gregório* (DSGC) e uma no *Testamento de Afonso II (1214)* (cópia de Toledo), esclarecidas no trabalho em referência (MACHADO FILHO, 2000, p. 61 et seq.).

² Original: “used to mark the briefest pause or hesitation in a text”

³ Esse sinal, integrante do antigo sistema latino de *distinctones*, que tinha a função de marcar o final de parágrafo ou fim de texto, aparece com outra forma [:.] no *Livro das Aves* e no *Flos Sanctorum* na análise empreendida por Machado Filho, em 2000.

Diálogos de São Gregório, pôde o referido autor identificá-lo também no *Flos Sanctorum*, posteriormente.

ASPECTOS PONTUAIS CONTRASTIVOS DA LÍNGUA DOS MANUSCRITOS

Rossi et al. (1965, p. 11), objetivando datar “com relativa segurança” o *Livro das Aves*, para além da avaliação pessoal de paleógrafos e de estudiosos da língua, como Pedro de Azevedo, Mário Martins ou Serafim da Silva Neto, indicam alguns aspectos lingüísticos que pareciam, no nível de conhecimento que se tinha sobre o português arcaico naquela época, caracterizar a língua do período de produção do manuscrito, isto é, o século XIV.

Alguns desses aspectos conduzem a comparação que segue, sem obviamente se pretender uma exaustão quantitativa. Interessa no presente trabalho apontar convergências e divergências de alguns usos lingüísticos, não suas frequências relativas.

A primeira observação se refere à grafia etimologizante das terminações latinas que vieram formar no português contemporâneo o característico ditongo nasal final <ão>

Para Mattos e Silva (1989, p. 137), nos *Diálogos de São Gregório* a representação dessas terminações, segundo suas próprias palavras, é “sistemática, isto é, de acordo com a etimologia (-an < ane, -ant; -on < -one, -unt; -ão < anu)”, cuja mesma regularidade se detecta no *Livro das Aves* que se repete no recorte utilizado como amostragem para o *Flos Sanctorum*:

Encontram-se *mão /mãos* < (lat. *manu*-), *oraçom* < (lat. *ōratiōne*), *razon* ~ *arrazon* < (lat. *rātiōne*-), *pã* < (lat. *pāne*) (...), assim como os itens gramaticais *nõ* < (lat. *non*), *cõ* (lat. *cũm*), *tã* < (lat. *tam* ~ *tantum* (apocopado)). (MACHADO FILHO, 2001, p. 81-2)

O segundo ponto se refere ao particípio passado de verbos de infinito em -er, que, como se sabe, durante a primeira fase do período arcaico do português faziam a terminação mais regularmente em <-u-

do>, já que, contrariamente ao que se acreditava anteriormente sobre esse período, “as terminações em *-ido* [...] eram já largamente conhecidas no início da segunda metade do século XIII”, para essa conjugação verbal, conforme recentemente demonstrou Carvalho (1996, p. 75).

Curioso notar, entretanto, que no *Livro das Aves*, em todo o *Flos Sanctorum*, sem exceção, e nos *Diálogos de São Gregório* não se registra um único caso de <-i-do>, fato que serve mais uma vez para caracterizar a proximidade genética e a tradição da língua escrita que se utilizou para a confecção desses documentos. Aparecem *estendido*, *estabelecido*, *ascondudo*, *metudo*, *vençudo*, *perdudo*, entre diversos outros exemplos.

No tocante à variação com posterior mudança por síncope do <-d-> intervocálico da segunda pessoa do plural, como em *dizedes* > *dizees* (hiato) > *dizeis* (ditongo); *confortedes* > *confortees* (hiato) > *conforteis* (ditongo), incondicionalmente conservam os três manuscritos esse morfema. Note-se que Carvalho (p. 35) identifica numa carta de confirmação de D. Dinis, de 1295, já o uso inovador da forma verbal sem o <-d->, o que reforça o caráter conservador da linguagem dos manuscritos em foco.

Dentre os fatos lingüísticos de natureza morfossintática que pudessem de alguma forma ser relevantes para o confronto que se vem empreendendo até então, dois propostos por Mattos e Silva (1971, p. 81) para caracterização da linguagem dos *Diálogos de São Gregório* foram, aqui, observados: a morfologia dos demonstrativos e a morfologia dos possessivos.

Em relação aos demonstrativos, em trabalho recente, Machado Filho (2001) apresentou um quadro sinótico sobre um pequeno recorte do *Flos Sanctorum*. Esse quadro é aqui ampliado com esta pesquisa, além de modificado, com vistas a possibilitar, com maior propriedade, o confronto com os outros manuscritos.

Manuscritos	Variáveis				Invariáveis	
	Masculino		Feminino			
	simples	reforçado	simples	reforçado	simples	reforçado
<u>Flos</u>						
Posição 1	este	aqueste	esta	aquesta	esto ~ isto	aquesto ~
Posição 2	esse		essa		esso	aquisto
Posição 3		aquel(e)		aquela		aquelo
<u>Diálogos⁴</u>						
Posição 1	este	aqueste	esta	aquesta	esto ~ isto	aquesto
Posição 2	esse		essa		esso	
Posição 3		aquel(e)		aquela		aquelo
<u>Livro das Aves</u>						
Posição 1	este	aqueste	esta	aquesta	esto	
Posição 2	esse					
Posição 3		aquel(e)		aquela		aquelo

Quadro 1. Morfologia dos demonstrativos no *Flos Sanctorum*, nos *Diálogos de São Gregório* e no *Livro das Aves*

Observe-se que o *Flos Sanctorum* e os *Diálogos de São Gregório* revelam simetria no inventário dos pronomes utilizados, com apenas uma discrepância: a presença do reforçado *aquisto* no primeiro documento. No *Livro das Aves*, talvez pela pouca dimensão de seu texto, não aparecem a forma *essa*, nem as invariáveis *esso* e a forma reforçada *aquesto* e sua variante.

Tampouco em formas preposicionadas apresenta o *Livro das Aves* a variante *isto*, de *esto*, que aparece apenas 15 vezes no *Flos* e três vezes nos *Diálogos*, contra centenas de ocorrências nos dois manuscritos, indicando já o início da variação que iria culminar na “vitória” de *isto* no português contemporâneo, que, por seu turno,

⁴ Os dados relativos aos *Diálogos de São Gregório* foram extraídos de Teyssier (1998[1981], p. 4) e aqui adaptados.

parece começar a travar uma nova batalha com a forma *isso*, fato que, no *corpus* analisado, nem sequer chegou a ocorrer.

Assim, nos *Diálogos*, como no *Flos*, a forma *esso*, que viria a se transformar em *isso*, aparece exclusivamente precedida da preposição *por*, em situação de uso de relação particularmente anafórica (TEYSSIER, 1998[1981], p. 06), como se verifica comumente no português brasileiro.

No tocante à morfologia dos possessivos, apresentam-se os Quadros 2, 3 e 4 seguintes.

Pessoas	<i>Flos Sanctorum</i>			
	Masculino		Feminino	
	Possuidor único	Vários possuidores	Possuidor único	Vários possuidores
1ª	meu(s)	nosso(s)	mha(s) : minha	nossa(s)
2ª	teu(s)	vosso(s)	ta(s) : tua(s)	vossa(s)
3ª	seu(s)		sa(s) : sua(s)	

Quadro 2. Morfologia dos possessivos no *Flos Sanctorum*

Pessoas	<i>Diálogos de São Gregório</i>			
	Masculino		Feminino	
	Possuidor único	Vários possuidores	Possuidor único	Vários possuidores
1ª	meu(s)	nosso(s)	mha(s)	nossa(s)
2ª	teu(s)	vosso(s)	ta	
3ª	seu(s)		sa(s) : sua	

Quadro 3. Morfologia dos possessivos nos *Diálogos de São Gregório*⁵

⁵ Adaptado de Mattos e Silva (1989, p. 174). Observe-se que a análise de Mattos e Silva inclui apenas os dois primeiros livros dos *Diálogos de São Gregório*, que como se sabe é composto de quatro.

Pessoas	<i>Livro das Aves</i>			
	Masculino		Feminino	
	Possuidor único	Vários possuidores	Possuidor único	Vários possuidores
1ª	meu	nosso(s)	mha	nossa(s)
2ª	teu	vosso	ta	vossa(s)
3ª	seu(s)		sa(s) : suas	

Quadro 4. Morfologia dos possessivos no *Livro das Aves*

Dos três documentos, o que apresenta o quadro mais completo é certamente o *Flos Sanctorum*. Apenas nele aparece a forma tônica *minha* que viria a se estabelecer no sistema dos possessivos no português contemporâneo. Embora ocorra duas vezes em toda a extensão do texto, no fôlio 1v: “Nõ te avondavam a cidade Deleofila que tempo havia que fora minha” e no fôlio 67v: “falarey com el de proveyto de sa alma e da minha”, seu uso corresponde à distinção geral – embora não categórica segundo alguns autores – que se fazia na língua portuguesa no seu período arcaico, em que, a princípio, formas tônicas poderiam ser utilizadas livremente, sem a necessidade de anteceder um nome, contrariamente às átonas que, nessa época, funcionavam como partículas clíticas que demandavam um substantivo ou um adjetivo a que precedessem, para que fossem atualizadas. Nos três documentos todas essas formas átonas *mha*, *ta* e *sa* seguem categoricamente essa regra.

PARA CONCLUIR

Os manuscritos Serafim da Silva Neto são, pelo que se tem notícia, o maior espólio original do português arcaico existente hoje no Brasil. Embora estejam hoje depositados em um cofre climatizado na Divisão de Coleções Especiais da Biblioteca Central da Universidade de Brasília, parecem merecer melhores cuidados nas condições de seu arquivamento, que pelo que se pôde ver, *in loco*, elas são ainda bastante precárias.

MACHADO FILHO, Américo Venâncio Lopes. Três documentos medievais trecentistas em confronto: indícios paleográficos e lingüísticos recorrentes e divergentes nos...

A intenção original deste breve trabalho foi, não só divulgar a edição que faltava para completar a leitura integral desses valiosos documentos, mas iniciar um cotejo sistemático sobre a língua portuguesa de trezentos que eles representam.

Fica, por fim, a homenagem a Serafim da Silva Neto, cujo trabalho desbravou muitos caminhos no estudo da língua portuguesa e cuja atitude de bibliófilo permitiu tamanha herança.

BIBLIOGRAFIA

- CARVALHO, Maria José Simões Pereira de (1996). *Do português arcaico ao português moderno: ontributos para uma nova proposta de periodização*. Coimbra. Dissertação (Mestrado) (inédita). Faculdade de Letras.
- MACHADO FILHO, Américo Venâncio Lopes (2000). *A pontuação em manuscritos medievais portugueses*. Salvador. Dissertação (Mestrado) (inédita). Instituto de Letras – UFBA.
- _____. (2001). Aquisse começa huu)) exe)plo perque pode ente)der algu)as diferenças antre dous manuscritos que de consuu) tratam da uida de Tassis molher que foy muy pecador. *Filologia e Lingüística Portuguesa*, 4, p. 69-95.
- MARTINS, Mário (1928). A hagiografia como tema literário. *Brotéria, Caminha*, 6, p. 407-14.
- MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia (1971). *A mais antiga versão portuguesa dos “Quatro livros dos diálogos de São Gregório”*. Edição crítica com Introdução e Índice geral das palavras lexicais. São Paulo. 4v. Tese (Doutorado) (inédita). Universidade de São Paulo, mimeo.
- _____. (1989). *Estruturas trecentistas: elementos para uma gramática do português arcaico*. Lisboa: IN-CM.
- _____. (1991). *O português arcaico: fonologia*. São Paulo: Contexto.
- NUNES, José Joaquim (1925). Textos antigos portugueses. *Revista Lusitana*, Lisboa, 25, p. 231-50.
- PARKES, M. B. (1993). *Pause and effect: an antroduction to the history of punctuation in the west*. Berkeley: University of California Press.
- ROSSI, Nelson et al. (1965). *O Livro das Aves*. Rio de Janeiro: INL.
- SILVA NETO, Serafim da (1956). *Textos medievais portugueses e seus problemas*. Rio de Janeiro: MEC / Casa de Rui Barbosa.
- _____. (1977). *Manual de filologia portuguesa*. 3.ed. Rio de Janeiro: Presença.
- TEYSSIER, Paul (1998[1981]). *O sistema dos dêiticos espaciais do português nos séculos XIV, XV e XVI*. Trad. de Américo Venâncio Lopes Machado Filho sobre o original (Le système des déictiques spatiaux en portugais aux XIV^e, XV^e et XVI^e siècles. *Cahiers de Linguistique Hispanique Médiévale*. Paris, 6, p. 5-39). Digitado. 26 p.

ABSTRACT: A comparison of three medieval documents (oldest preserved in Brazil), that were first brought to the country by Serafim da Silva Neto in the 1950's, trying to make a description of their similarities and differences, in order to reveal paleographic evidences of the time they were produced and linguistic variation and change that may have been in course in Old Portuguese, by the fourteenth century.

Keywords: Historical Linguistics, Old Portuguese, Portuguese Medieval Manuscripts.